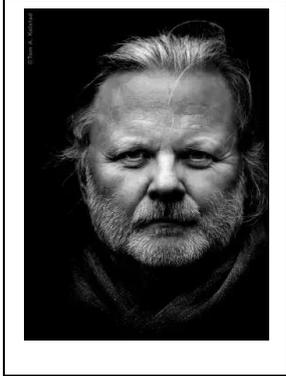
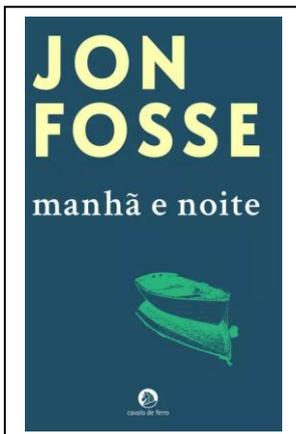


**[Manhã e Noite]  
[Jon Fosse]****[Jon Fosse] Biografia:**

Jon Olav Fosse, nascido em 29 de setembro de 1959) é um autor, tradutor e dramaturgo norueguês. Em 2023, recebeu o Prémio Nobel de Literatura "por suas peças e prosa inovadoras, que dão voz ao indizível". Jon Fosse é um dos mais importantes e celebrados autores vivos. Nasceu em 1959, em Strandebarm, no Oeste da Noruega, e vive atualmente numa residência honorária situada nas propriedades do Palácio Real de Oslo, chamada «Grotten», bem como em Hainburg, Áustria, e em Frekhaug, Noruega.

Escritor e dramaturgo prolífero, estreou-se em 1983 com o romance *Raudt, svart* [Vermelho, preto], tendo recebido vários prémios ao longo da sua carreira, entre os quais o Prémio Internacional Ibsen, o Prémio Europeu de Literatura e o Prémio de Literatura do Conselho Nórdico. A sua extensa obra, traduzida em mais de quarenta línguas, inclui romance, teatro, poesia, livros para crianças e ensaio.

**Sinopse de [Manhã e noite]**

*Um menino está prestes a nascer — chamar-se-á Johannes como o avô e será pescador como o pai. Uma vida boa, é esse o desejo de quem o traz ao mundo, embora este seja um mundo duro, ruim e cruel. Um homem, velho e sozinho, morre — chama-se Johannes e foi pescador. É o seu melhor amigo que o vem buscar rumo a esse destino onde não há corpos nem palavras, apenas tudo aquilo que se ama. Antes do regresso definitivo ao nada, Johannes revisita o museu da sua vida, longa, simples e quotidiana, confrontando-se paulatinamente com a morte num constante entrelaçamento de real e alucinação, passado e presente.*

*Manhã e Noite é um romance sobre o maravilhoso sonho que é viver e a aceitação do ciclo natural das coisas. Numa linguagem poética e elíptica, inovadora e despojada, Jon Fosse condensa toda uma existência em dois momentos-chave, urdindo uma reflexão encantatória sobre o significado da vida, Deus e a morte.*

## “Manhã e Noite”, de Jon Fosse: o crepúsculo do Homem

por [Mário Rufino](#), 2 Abril, 2021 / Comunidade Cultura e Arte



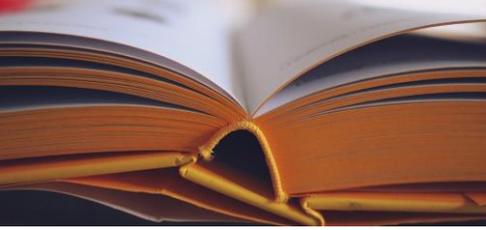
*Jon Fosse / DR*

Um livro pequeno, pensamos, quando tomamos nas mãos a edição da Cavalariada de “Manhã e Noite”. São 111 páginas de prosa poética, sem estéreos efeitos prosódicos.

Jon Fosse (N.1959, Strandebarne) conta-nos o caminho de dois homens numa linguagem elevada a elemento principal, uma linguagem que rivaliza com o debate interior de Johannes, no limiar da vida, e com o do seu pai, quando assiste ao parto de um mundo novo. Filosofia, teatro, poesia, ensaio (registos tão do gosto do autor) misturam-se num texto que tem corrente interior ainda mais rica do que a ondulação das palavras.

Peter e Johannes são dois homens cuja vida foi feita em partilha. Cortavam o cabelo um ao outro há muitos anos, sabiam dos rituais que os moldavam. Por isso, Johannes não estranhou a presença do amigo na barca depois de acordar sem os habituais vômitos. Somente o viu mais magro e se preocupou com o tamanho do cabelo. Tenho de ir a casa dele para lho cortar, pensou num assomo de cuidado enraizado em muitos anos.

“O cabelo cresceu-te tanto, dá-te pelos ombros, diz Johannes



Devias, sim, diz Peter  
e Johannes vê Peter levar o seu velho cachimbo à boca  
Há já muitos anos que cortamos o cabelo um ao outro, diz Johannes  
Estou a tentar fazer o cálculo, diz Johannes, penso que já terão passado  
Sim, já terão passado perto de quarenta anos, diz Peter”  
Peter estava ali para Johannes. Embarcaram para viajar pelo rio de margens cada vez  
mais difusas.

Entrando no “Dicionário dos Símbolos” (de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant) para nos  
ajudar a compreender, chegamos à ideia de a barca ser muito mais do que um meio de  
transporte.

“A barca é o símbolo da viagem, de uma travessia efectuada pelos vivos, seja pelos  
mortos”.

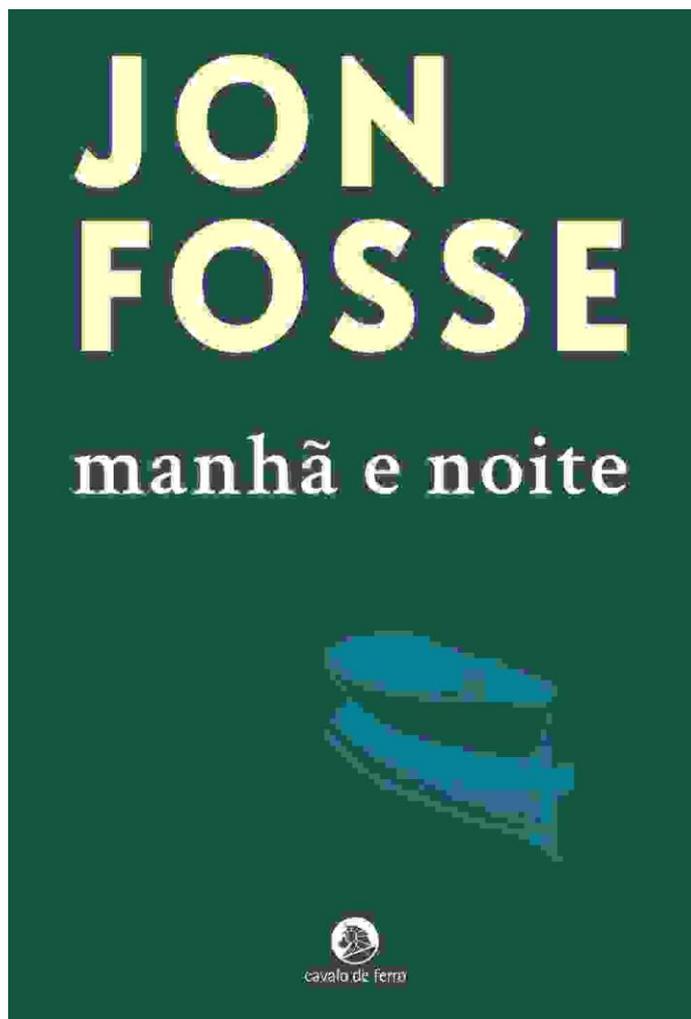
Símbolo presente em todas as civilizações, a barca pode ser a garantia de segurança,  
depois de ambos terem navegado por uma vida dorida e atribulada.

Um e outro, na vida e na morte, ajudam-se mutuamente.

Sobre a água do rio, vão de margem a margem. A água, como símbolo, resume-se a três  
temas dominantes: fonte de vida, meio de purificação, centro de regenerescência. Nas  
tradições judaica e cristã, a água simboliza a origem da criação.

Esta forma de amor entre amigos nem a morte desenlaça. Este tipo de amizade — um  
dos três tipos de “Philia” referidos por Aristóteles em “Ética a Nicómaco” — é acarinhada  
entre homens de bem:

**“Estes querem-se bem uns aos outros, de um mesmo modo. E por serem homens  
de bem são amigos dos outros pelo que os outros são. (...) Tais amizades são, de  
facto, raras porque são poucos os homens desta estirpe. Além do mais, é preciso  
tempo e cumplicidade, pois, tal como diz o provérbio, não é possível que duas  
pessoas se conheçam uma à outra sem antes terem comido juntas a mesma  
quantidade de sal”.** (edição da Quetzal,2009; trad. António de Castro Caeiro).



*Capa do livro*

Jon Fosse contrapõe Eros e Thanatos numa prosa de filigrana, sensível como um poema. Dá-nos a conhecer os extremos da vida de Johannes. Vemo-lo a nascer, vemos o desconcerto dos pais na génese de uma vida. É um amor diferente aquele que une pai e mãe na violência inoculada pela vida a florescer. Na outra margem, o desconcerto no abandono da vida incorporada e a espera de quem partilhou a mesma quantidade de sal. Saiu do nada, saiu do não-lugar onde não há corpos nem palavras, para o não deixar desamparado na transição.

O escritor manteve-se na essência, sem palavras espúrias, nem divagações snobs. Em “Manhã e Noite” (Trad. do inglês de Manuel Alberto Vieira), o leitor reconhece as suas margens e percebe que um dia terá de chegar àquela onde o esperam. No entanto, uma forte luz na penumbra, este optimismo do autor norueguês, deixa-o a desejar, quando chegar ao fim do caminho, por um amigo como Peter, um amigo que o leve a bom e luminoso porto de desembarque.

Este livro tem tanto em si. Clama à releitura.

# A “escuridão brilhante” de Jon Fosse, Prémio Nobel de Literatura 2023

Visão Se7e / Luís Ricardo Duarte, Jornalista

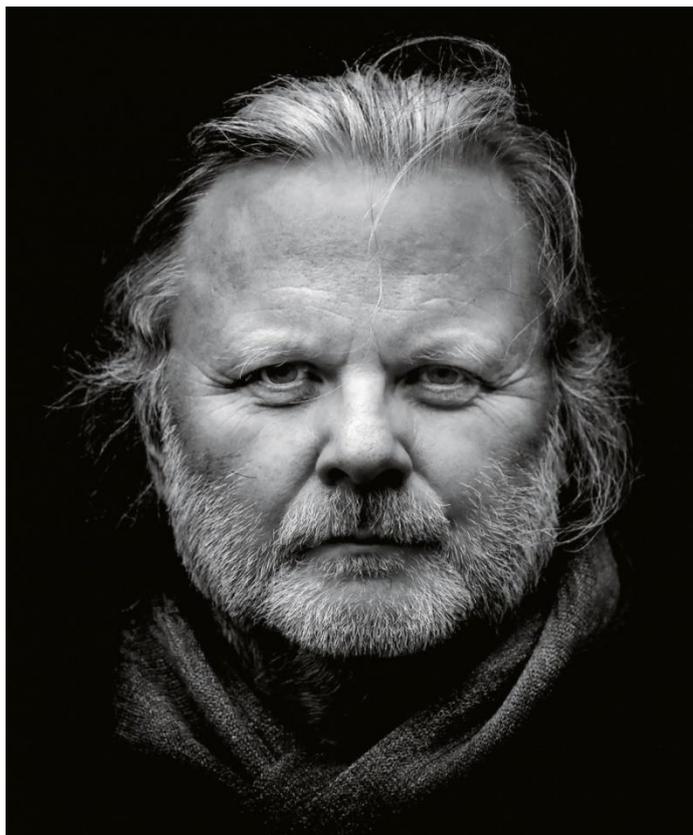
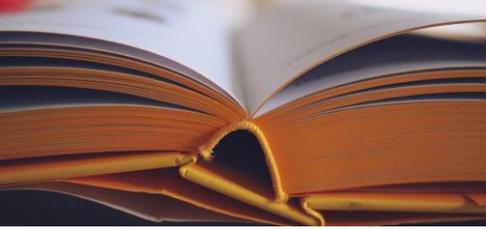


Foto: DR

Autor de uma das obras "mais marcantes numa direção ideal", a Academia Sueca acaba de distinguir Jon Fosse com o Prémio Nobel de Literatura de 2023. Em janeiro, falámos com o autor de "Septologia", o seu monumental romance de 1300 páginas, que está a ser publicado em Portugal pela Cavalo de Ferro

Duas linhas, uma roxa, outra castanha, cruzadas mais ou menos a meio do quadro. Linhas pintadas devagar, com uma tinta a óleo que começa a percorrer a tela e a criar os seus próprios efeitos. Encerrados os gestos, um pintor olha para a sua criação. Demora-se no que fez, atento aos detalhes e às texturas, ao que é mais sugerido do que concretizado. Nesse processo, dá início a uma longa viagem pela sua própria vida (tão semelhante à de um qualquer ser humano), pela essência da arte e do divino, sem se esquecer dos muitos atropelos do quotidiano. Assim se apresenta *O Outro Nome*, as duas primeiras partes do monumental romance *Septologia*, de Jon Fosse, que a Cavalo de Ferro começou a publicar em Portugal.



Se o teatro já havia consagrado o escritor norueguês como uma das vozes mais singulares da literatura europeia das últimas décadas, este seu novo projeto literário reforçou esse estatuto, com elogios da crítica e inúmeros prêmios. Na Noruega, o Rei Harald V atribuiu-lhe o usufruto de uma residência junto ao Palácio Real, uma das maiores honras concedidas a um artista do seu país. Na Escandinávia, já recebeu os principais galardões literários. E nos universos das línguas inglesa, francesa ou alemã, as traduções dos seus livros começam a destacar-se.

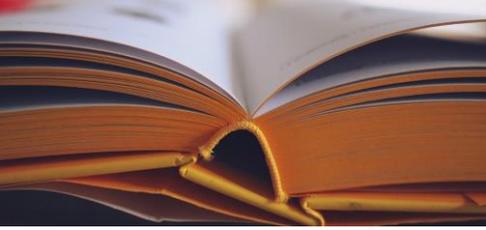
Na sua “prosa lenta”, como Jon Fosse gosta de lhe chamar, *O Outro Nome* desafia a velocidade de alguma ficção contemporânea. Aos chamados “page turners”, que alimentam thrillers de todos os géneros e feitios, contrapõe o compasso, a espera e a repetição, ao jeito das grandes sinfonias da música clássica. No centro, a voz interior de Asle, pintor abandonado à sua solidão. Uma voz que, mais tarde, se desdobra num outro Asle, que o leitor nunca saberá realmente (pelo menos nestes dois volumes iniciais) se é o mesmo, uma projeção ou uma duplicação. Este segundo Asle também é pintor e viúvo, mas com um problema de alcoolismo já abandonado pelo primeiro.

***Escrevo como quem está a ouvir e a compor música, no sentido em que uma nota pede outra, uma frase abre caminho à seguinte***

### **Jon Fosse**

Para quem conhece o teatro de Jon Fosse, largamente representado em Portugal, ou as suas novelas anteriores, algumas já publicadas pela Cavalari de Ferro (como *Manhã e Noite e Trilogia*), este será um reencontro com uma prosa que deve muito à poesia, uma narrativa que se faz sobretudo através da afirmação do esplendor da voz íntima das personagens. Para quem o descobre pela primeira vez, a leitura de *O Outro Nome* será certamente o confronto com um romance que desafia o leitor, que o embala e confunde, num encantamento que tem tanto de poético quanto de musical. É, aliás, à música que Jon Fosse, 63 anos, recorre para descrever à VISÃO as duas primeiras partes de *Septologia*. Não gosta, nem se sente capaz, de falar sobre o que escreveu. Nem vê a arte como uma mimetização da vida ou uma construção muito pensada. O seu primado é o da escuta. Não faz planos, nem aceita decisões prévias. “Escrevo como quem está a ouvir e a compor música, no sentido em que uma nota pede outra, uma frase abre caminho à seguinte”, afirma. “E não é necessariamente ouvir qualquer coisa que está em mim, mas sim lá fora, no mundo, à minha volta, por descobrir. Se o dia corre bem, a certa altura sinto que o que estou a escrever já estava escrito. Apenas tenho de o fixar o mais rapidamente possível.”

Os protagonistas de *O Outro Nome* são pintores porque Jon Fosse procurava um artista, alguém que se confrontasse, como ele, com o ato criativo. Se, no início, tinha alguma ideia vaga sobre o que queria escrever, era apenas essa. Um criador. Mas essa escolha também se pode explicar pela sua paixão antiga pela pintura, nomeadamente a pintura a óleo. Em jovem, na sua demanda por uma vocação, que soube desde cedo que estaria ligada às artes, pintou intensamente, hábito que hoje tenta recuperar.



### O peso da dramaturgia

Com o tempo, no entanto, a escrita e a literatura ganharam protagonismo e resolveram a sua indecisão adolescente, que também passou pela música. Tornou-se, depois, um dramaturgo de enorme sucesso, com peças atrás de peças, encomendas atrás de encomendas, produções um pouco por todo o mundo. “Tenho amigos em imensos países e isso devo-o ao teatro”, garante. Em Portugal, lembra a sua relação com os Artistas Unidos (AU) e com Jorge Silva Melo, que começou a encená-lo em 2000, com *Vai Vir Alguém*, a que se seguiram, entre outros espetáculos, *O Senhor Outono*, *A Noite Canta os Seus Cantos*, *Inverno* ou *Lilás*. A mesma companhia apresentou, no passado dia 24, em versão radiofónica, na Antena 2 (ainda disponível na RTP Play), *Vento Forte*; e prepara, para 14 de março, no Teatro da Politécnica, em Lisboa, a estreia de *Foi Assim*, dois textos agora publicados na coleção Livrinhos de Teatro dos AU e da Snob Editora. “Tenho uma relação muito forte com Lisboa e muito boas memórias do Jorge”, assegura.

Mas, a certa altura, o teatro tornou-se um fardo. Não por ter encontrado uma fórmula que se repetia, mas porque sentiu que dominava o processo. Também acusou a vertigem que escrever uma peça implicava, nomeadamente pelos prazos apertados. “Sentia-me muito cansado. Na última peça que escrevi, vi-me literalmente a arrancar as palavras do meu corpo”, garante. Surgiu então a vontade de regressar à raiz do seu percurso literário.

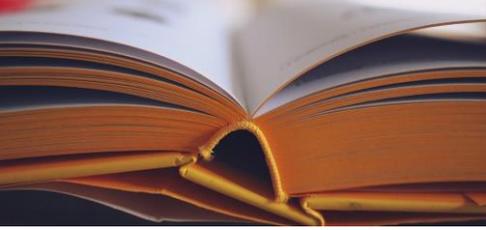
Nascido em 1959, em Haugesund, no Norte da Noruega, Jon Fosse cresceu sob o jugo dos elementos da Natureza – o mar, o vento, as montanhas, a luz ou a falta dela. Uma queda aos sete anos, que o levou ao hospital, confrontou-o pela primeira vez com a ideia de morte, que percorre muitos dos seus livros, incluindo *Septologia*. Talvez aí tenha encontrado a sua vocação artística e semeado um certo misticismo que envolve a sua ligação à escrita.

***Sei alguma coisa sobre alcoolismo, a criação, os ciclos da vida. Mas é preciso fazer uso da imaginação para poder transformar as nossas vivências num discurso literário universal***

### Jon Fosse

Formou-se em Literatura Comparada na Universidade de Bergen e publicou o seu primeiro livro em 1983, *Vermelho, Preto*, escrito em Nynorsk, uma das duas variantes do norueguês (a minoritária). “Não quero que esse livro seja traduzido para nenhuma





língua”, diz, entre sorrisos. Mas foi um marco no seu percurso, o início de uma série de romances e novelas que o notabilizou no seu país. Também experimentou a poesia, a partir de 1986. O Teatro só se afirmaria na década seguinte, com *Alguém vai Chegar*, encenado pela primeira vez em 1996.

Regressar à prosa significava, para Jon Fosse, conceder-lhe tempo, até para as narrativas mais pequenas. Na verdade, afastar-se da dramaturgia, aprendendo a recusar os muitos convites que recebia, também representou outra mudança na sua vida: deixar os hábitos boémios que sempre cultivou, às vezes para lá do limite. “Houve períodos em que bebi excessivamente, andava de viagem em viagem, de festival em festival...”, recorda. Com a ideia de mudança na cabeça, chegou a internar-se numa clínica para abandonar o vício. A sua conversão ao catolicismo data desta altura, por volta dos anos 2012, 2013. Divorciado, encontrou, no decorrer deste processo, a sua segunda mulher. Fez-se outro.

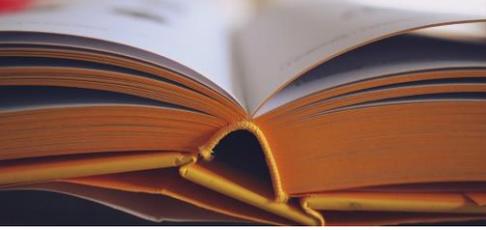
### **Um novo abrigo**

As 1300 páginas de *Septologia* começaram aí, na afirmação da lentidão, que emprestava aos seus dias outra velocidade. Claro que antes houve um período de silêncio, três ou quatro anos em que não foi capaz de escrever uma linha. Mas, a certa altura, um convite para uma residência literária num castelo francês chegou no momento apropriado. Passou a acordar ainda de madrugada (“deito-me muito cedo desde que deixei o uísque”) para escrever até às 9 da manhã.

Se a vida recatada o ajudou a ter uma nova disponibilidade para a escrita, socorreu-se também da sua enorme experiência. Dessa forma, conseguiu converter uma dramaturgia frenética num murmúrio que se prolonga pelos dias e pelas páginas. “Senti-me seguro nesse lugar dentro de mim em que me recolhi”, afirma. “Tornou-se o meu abrigo, e é a partir dele que continuo a escrever, como se voltasse a ser o jovem de 20 anos cheio de possibilidades que outrora fui. Cada vez mais, escrever é escapar-me de mim, das minhas circunstâncias, e partir em busca de qualquer coisa que me supere, que seja maior do que a vida.”

Ainda assim, há nos dois pintores de *O Outro Nome* muito da sua vida, não no sentido estritamente autobiográfico, mas das vivências que acumulou. “Essa também é a matéria da escrita. Sei alguma coisa sobre alcoolismo, a criação, os ciclos da vida. Mas é preciso fazer uso da imaginação para poder transformar as nossas vivências num discurso literário universal.”

Para Jon Fosse, escrever é uma outra forma de conhecimento, como a filosofia, o que talvez explique a inclusão de várias passagens ensaísticas em *Septologia*. Foi a primeira vez que o fez. Tem várias recolhas de ensaios, mas nunca os tinha fundido com o romance. Nas lembranças dos dois Alse emerge uma toada reflexiva que, no entanto, nunca assume a roupagem académica. São pensamentos, notas e apontamentos de quem vive mergulhado, como o próprio Jon Fosse, numa “escuridão brilhante.”



# Editor de Jon Fosse em Portugal. Nobel honra "a verdadeira essência da literatura"

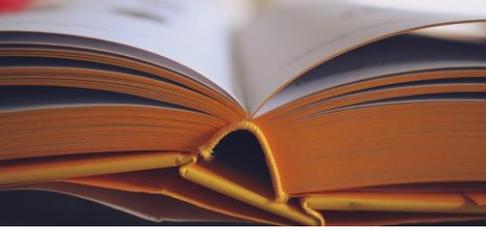
05 out, 2023 - 16:00 • [Alexandre Abrantes Neves](#), com Lusa

**Diogo Madre Deus diz que distinção é uma "justa homenagem" a um dos grandes nomes da literatura contemporânea.**



“Uma justa homenagem a um dos grandes nomes da literatura contemporânea, que cria universos temáticos intimistas e singulares”. É desta forma que Diogo Madre Deus, editor da obra de Jon Fosse em Portugal, reage à atribuição do Prémio Nobel da Literatura ao autor norueguês, conhecida esta quinta-feira.

Jon Fosse é dramaturgo e romancista e, nos últimos anos, tem sido “um dos autores que mais tem contribuído para a renovação dos dois géneros”. Diogo Madre Deus considera, por isso, que a distinção da Academia Sueca



honra “a verdadeira essência da literatura” e destaca o valor da escrita do autor.

“Ao longo da sua vasta obra, Fosse desenvolveu um estilo de escrita muito singular – é marcado por um ritmo lento, com frases grandes, mas muito bem articuladas. A sua escrita faz com que o pensamento quase se expresse de imediato na página”, explica à **Renascença**.

Em Portugal, a obra do norueguês é atualmente publicada pela Cavallo de Ferro, uma chancela do grupo Penguin. Este ano, sairá o segundo de três volumes de “Septologia”, um livro semiautobiográfico que, em mais de 1,250 páginas, não tem um único ponto final. A obra conta a história de Asle, um pintor viúvo e solitário que, ao longo da trama, se debruça sobre questões essenciais, como a passagem da vida para a morte, a descoberta de Deus e a arte.

O Nobel da literatura foi esta quinta-feira atribuído ao autor norueguês Jon Fosse “pelas suas peças e prosas inovadoras que dão voz ao indizível”. O anúncio foi feito, em Estocolmo, pela Academia Sueca.

À emissora norueguesa NRK, Jon Fosse disse ter ficado "surpreso, mas não muito" com o anúncio da Academia Sueca.

"Tenho-me preparado, nos últimos 10 anos, cautelosamente, para o facto de que isto poderia acontecer. Mas não esperava receber o prémio hoje, mesmo que houvesse uma hipótese", afirmou.

Jon Fosse tem 64 anos e começou a carreira em 1983 com o romance “Vermelho, Preto”, cuja história vai intercalando momentos do passado e do futuro. Da sua vasta obra, destaca-se ainda “Trilogia” (2014) – uma parábola de inspiração bíblica que, num só livro, contém três novelas – e “Manhã e Noite” (2015), sobre o significado da vida e da morte. Para além de romances e pças de teatro, constam ainda do seu currículo vários contos, obras poéticas, livros infantis e ensaios.